

Gênero e Sexualidade na série Sense8¹

Aline de Fátima VITVASZYN²

Jean de Almeida Garrett MARINHO³

Máira de Souza NUNES⁴

Centro Universitário Internacional Uninter, Curitiba-PR

Resumo

A partir da discussão sobre transgeneridade e homoafetividade, o presente artigo tem por objetivo analisar como as questões relativas à identidade de gênero e à orientação sexual são representadas nos produtos de mídia audiovisuais, em especial na série americana Sense8. A pesquisa investigou como esses temas foram abordados a partir da análise dos personagens Lito, homem cisgênero gay, e Nomi, mulher transgênero lésbica. A investigação foi realizada por meio de uma decupagem dos teasers de divulgação e dos doze episódios que compõem a primeira temporada da série. Foi realizada também uma pesquisa de opinião, por meio de questionário, visando compreender a percepção do público da série com relação à representação dos personagens. Como resultado das análises verificou-se que as abordagens da homoafetividade e transgeneridade são pouco estereotipadas, e que a identificação do público com os personagens escolhidos para este estudo foi bastante significativa.

Palavras-chave: Sense8; Identidade de Gênero; Orientação Sexual, Transgeneridade.

Na sociedade contemporânea, as discussões sobre gênero e sexualidade têm ganhado cada vez mais destaque nos meios de comunicação. A homossexualidade não é um assunto novo na mídia, mas só recentemente começou a ser tema de campanhas publicitárias. As questões de identidade de gênero e de transgeneridade, por sua vez, ainda não possuem grande visibilidade e representação em comerciais e produtos de mídia em geral. No Brasil, a discussão sobre o tema tem obtido maior visibilidade nos últimos anos, principalmente devido à pressão dos movimentos LGBTs. A votação do projeto de lei 122/2006, na Câmara dos Deputados, conhecido como “Lei anti-homofobia”, inseriu o assunto no debate político. O projeto apresentou uma conceituação que diferencia orientação sexual - entendida como a maneira como as pessoas se relacionam com a afetividade e a sexualidade -, de identidade de gênero, definida como a maneira pela qual os sujeitos se reconhecem dentro dos padrões de gênero existentes na sociedade.

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2016.

² Aluna do curso de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda do Centro Universitário Internacional Uninter, email: alinefv92@gmail.com.

³ Aluno do curso de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda do Centro Universitário Internacional Uninter, email: jeangarrett@hotmail.com.

⁴ Orientadora do Trabalho. Professora do Centro Universitário Internacional Uninter, mestre em História (UERJ), Doutoranda em Comunicação e Linguagens (UTP), email: maira.n@uninter.com.

Letícia Lanz aborda a questão da invisibilidade da transgeneridade e analisa a dificuldade encontrada nas análises sobre o tema, afirmando que o corpo transgênero contraria a norma social da binariedade, pois “ele é o corpo que viola os discursos normativos binários de gênero, que não se encaixa nas matrizes culturais de inteligibilidade, que escapa aos rígidos controles de conduta de gênero.” (LANZ, 2014, p. 261).

O tema da transgeneridade está, aos poucos, sendo inserido nos produtos midiáticos. Filmes, seriados, novelas, videoclipes e campanhas publicitárias apresentam um número cada vez mais expressivo de pessoas transgênero⁵ em seu enredo. A banda canadense de indie rock Arcade Fire lançou em 2014 o clipe intitulado “*We Exist*”, que mostra a busca de uma mulher trans pela aceitação social, lutando contra preconceitos e violência. Na publicidade internacional, percebe-se a inclusão de pessoas trans em campanhas realizadas no ano de 2015. A empresa Magnum lançou o filme publicitário intitulado “*Be True To Your Pleasure*”, em que apenas mulheres trans são representadas. A modelo australiana Andreja Pejic tornou-se o novo rosto da marca norte-americana Make Up Forever. No Brasil, Maria Clara Araújo tornou-se “garota-propaganda” da coleção “Oh! Maria”, da empresa Lola Cosmetics. Candy Mel, vocalista da Banda Uó, foi escolhida para representar a campanha do Outubro Rosa, de conscientização sobre o câncer de mama, da empresa Avon.

No cinema, a transgeneridade tem sido tema de produções hollywoodianas com relativa frequência, alcançando inclusive as premiações mais importantes. O filme “Meninos Não choram” (*Boys don’t cry*, 1999), conta a história real de Brendon Teena, assassinado aos 21 anos por transfobia. Protagonizado por Hilary Swank, o filme foi vencedor do Oscar de Melhor Atriz em 2000. Em 2014, o filme Clube de Compra Dallas (*Dallas Buyers Club*, 2013) rendeu a Jared Leto o Oscar de Melhor Ator Coadjuvante pela interpretação da personagem transexual Rayon.⁶ Da mesma forma, nas produções seriadas para TV realizadas nos EUA percebe-se uma grande inserção do tema. Além da série Sense8, objeto desta pesquisa, a série “*Orange is the new black*”, do canal Netflix, apresenta a personagem Sophia Burset, vivida pela atriz trans Laverne Cox.

A partir deste levantamento prévio, a estruturação desta pesquisa partiu do questionamento “de que maneira as questões de identidade de gênero e orientação sexual

⁵ Neste artigo são utilizadas as expressões “trans” e “cis” com relação a pessoas transgênero e cisgênero.

⁶ No entanto, a maioria dos personagens trans são interpretados por pessoas cisgênero, o que tem levantado intensos debates sobre representatividade. Em fevereiro de 2016 foi lançado o filme “A Garota Dinamarquesa”, protagonizado pelo ator britânico Eddie Redmayne. O filme conta a história de Lili Elbe, conhecida como a primeira pessoa a fazer uma cirurgia de transgenitalização.

são representadas nos produtos de mídia audiovisuais e, em especial, na série Sense8?”. Para responder a esse problema foram levantadas duas hipóteses. A primeira defende que existe uma representação estereotipada e estigmatizada dos personagens da série com relação a esses dois temas. A segunda alega que o aumento de visibilidade dessas questões tem possibilitado o desenvolvimento de personagens mais realistas, também no que diz respeito à sexualidade e identidade de gênero.

O presente artigo tem como objetivo principal analisar de que maneira a transgeneridade e a homoafetividade são representadas em Sense8. Para atingir esse objetivo, foram especificados os seguintes objetivos específicos: diferenciar os conceitos de sexo, gênero e orientação sexual; identificar a caracterização da transgeneridade e da homoafetividade a partir da análise dos episódios da série e investigar a percepção do público sobre representações de gênero e sexualidade na série.

A transgeneridade constitui-se um tema pouco analisado nas pesquisas do campo da Comunicação Social e da Publicidade e acredita-se que este estudo poderá contribuir para a realização de futuras pesquisas acadêmicas. É necessário que existam estudos teóricos sobre o tema, possibilitando um maior entendimento sobre as diferenças existentes entre orientação sexual e identidade de gênero e trazendo uma reflexão sobre como pessoas trans estão sendo representadas na mídia audiovisual. Sabendo-se que o tema tem ganhado destaque na esfera social, é importante que o campo da Comunicação e, em especial, da Publicidade e Propaganda, amplie os estudos teóricos, contribuindo para gerar informação, conhecimento e conscientização.

Para a realização desta pesquisa foram utilizados diferentes procedimentos metodológicos que auxiliaram nesta construção do referencial teórico e do *corpus* de análise, entre eles a pesquisa bibliográfica, a pesquisa documental, a pesquisa de opinião (*survey*), as pesquisas quantitativa e qualitativa e, por fim, a análise de conteúdo. Segundo Júnior (2009, p. 280), esse último é “destinado à investigação de fenômenos simbólicos por meio de várias técnicas de pesquisa”. Tal investigação será feita a partir dos episódios de Sense8 e dos *teasers* disponíveis no canal oficial do Netflix no YouTube.

Mídia, Publicidade e Identidade

No campo da Comunicação Social, a questão das identidades começou a ser discutida na segunda metade do século XX, a partir dos Estudos Culturais Britânicos. O sociólogo Stuart Hall (1998, p. 7) afirma que “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e

fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado”. Ou seja, com uma sociedade cada vez mais globalizada, com avanços expressivos na área tecnológica e aumento da ansiedade individual e coletiva, é de se esperar que o ser humano busque novas maneiras de entender e se relacionar com sua individualidade, com seu corpo e com o mundo ao seu redor.

Mas essa suposta liberdade ainda tem restrições para as pessoas trans. A cultura heteronormativa priva a legitimação⁷ de suas identidades pessoais, deixando essas pessoas vulneráveis e excluídas de práticas econômicas, políticas e sociais. É como se as pessoas trans não existissem, pois suas características são expostas na mídia como algo fora dos padrões dominantes (VILLAÇA, 2006, p.73), sendo considerados corpos abjetos. Segundo Richard Miskolci (2012, p. 40, 41):

O abjeto é algo pelo que alguém sente horror ou repulsa como se fosse poluidor ou impuro, a ponto de ser o contato com isso temido como contaminador e nauseante. Quando alguém xinga alguém de algo, por exemplo, quando chama essa pessoa de “sapatão” ou “bicha”, não está apenas dando um “nome” para esse outro, está julgando essa pessoa e a classificando como objeto de nojo. Abjeto e obsceno (que significa fora de cena) se aproximam, revelando o que a sociedade preferia não ver e que, ao adentrar o espaço público, causa repugnância e repúdio. A partir da ideia de abjeção, compreendemos a dinâmica coletiva que gera a injúria e a violência contra aqueles que explicitam a instabilidade dos gêneros e, das formas as mais diversas, encarnam a diferença, o que não se anula na familiaridade do óbvio ou na reconfortante mesmice em que descansa o olhar cotidiano.

De acordo com Kellner (2001, p. 295), “na modernidade, a identidade torna-se mais móvel, múltipla, pessoal, reflexiva e sujeita a mudanças e inovações. Apesar disso, também é social e está relacionada com o outro”. No caso das pessoas trans, isso pode ser notado na busca de uma aceitação tanto pessoal, como também pelo respeito por parte da sociedade. Verificando como a identidade era entendida antigamente, pode-se compreender melhor as mudanças modernas que o autor cita:

Enquanto, tradicionalmente, a identidade era função da tribo, do grupo, era algo coletivo, na modernidade ela é função da criação de uma identidade particular. Nas sociedades de consumo e de predomínio da mídia, surgidas depois da Segunda Guerra Mundial, a identidade tem sido cada vez mais vinculada ao modo de ser, à produção de uma imagem, à aparência pessoal. É como se cada um tivesse de ter um jeito, um estilo e uma imagem particulares para ter identidade, embora, paradoxalmente, muitos dos modelos de estilo e aparência provenham da cultura de consumo; portanto, na sociedade de consumo atual, a criação da individualidade passa por grande mediação. (KELLNER, 2001, p. 297).

⁷ No Brasil, os processos de alteração de registro civil e cirurgia de transgenitalização só podem ser feitos com autorização judicial.

Os meios de comunicação, a publicidade e os produtos midiáticos possuem forte influência no que diz respeito às identidades de gênero ao apresentar o binarismo masculino e feminino como únicos modelos identitários. As pessoas trans, que não se identificam com as construções sociais pré-estabelecidas do que é ser homem ou mulher, transgridem esses modelos propagados ao utilizarem o seu corpo como uma mídia, como meio de comunicação. Sobre as relações entre corpo e mídia, Hadriel Theodoro afirma que “o corpo comunica. Carrega em si informações, traços e características que o definem enquanto tal e que, impreterivelmente, dotam-no de significados singulares, nos quais as vivências e escolhas perpetradas na história de nossas vidas estão inscritas. (THEODORO, 2014, p. 3, 4).

O motivo pelo qual a sociedade, comerciais publicitários e produtos de mídia tornam invisíveis e deixam às margens os trans pode estar relacionado à estigmatização, ou seja, ao pré-julgamento que é feito acerca de características físicas e/ou psicológicas em pessoas que não são consideradas normais socialmente, reduzindo-as a um nível inferior. (GOFFMAN, 1980, p. 12) Essa invisibilidade também pode ser atribuída à patologização de suas identidades, fazendo com que a transgeneridade seja vista como um distúrbio, uma anomalia, diferentemente da cisgeneridade, isto é, pessoas que se identificam com o gênero que lhes é atribuído desde o seu nascimento (JESUS, 2012). Para Goffman, (1980, p. 11) “a sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias”.

Outra questão que deve ser levada em consideração sobre os motivos pelos quais pessoas trans são invisíveis socialmente, é o fato de que estas construções se dão em uma sociedade de dominação masculina, em que a mulher e o corpo feminino são inferiorizados.

O mundo social constrói o corpo como realidade sexuada e como depósito de princípios de visão e de divisão sexualizantes. Esse programa social de percepção incorporada aplica-se ao próprio corpo, em sua realidade biológica: é ele que constrói a diferença entre os sexos biológicos, conformando-se aos princípios de uma visão mítica do mundo, enraizada na relação arbitrária de dominação dos homens sobre as mulheres [...]. (BOURDIEU, 2014, p. 24).

Em uma sociedade na qual o machismo e a heteronormatividade são predominantes, a luta pela aceitação pessoal e social, tanto em relação à orientação sexual quanto à transgeneridade, de pessoas que não se encaixam nos moldes ultrapassados impostos pela mídia e instituições de ensino, religiosas, familiares, entre outras, é progressiva e lenta. Por

isso a importância de produtos midiáticos e propagandísticos utilizarem, cada vez mais, referenciais identitários condizentes com a realidade do século XXI.

Sexo, Gênero e Orientação Sexual

No século XIX têm início os primeiros estudos sobre sexualidade, porém ainda restritos a características somente biológicas; já no século XX, outras questões passam a ganhar destaque nestes estudos. O filósofo Michel Foucault foi um dos primeiros pensadores a discutir as técnicas de poder disciplinar e os discursos sobre a sexualidade na modernidade, buscando compreender o papel do corpo na sociedade. Para Foucault (1988, p. 100),

a sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e poder.

Segundo autor, as relações sexuais modernas permitiram a criação de um dispositivo de sexualidade que tem “como razão de ser, não o reproduzir, mas o proliferar, inovar, anexar, inventar, penetrar nos corpos de maneira cada vez mais detalhada e controlar as populações de modo cada vez mais global.” (FOUCAULT, 1988, p.101) Dessa forma, os corpos passam a ter um papel fundamental na regulação social, pois como o sexo é a base da procriação e proliferação de indivíduos que participarão e contribuirão da economia, o controle dos corpos individuais faz-se necessário para compreender de que maneira suas subjetividades, como o desejo sexual, podem estimular o desenvolvimento econômico e político da sociedade.

Também no século XX, as discussões sobre a transgeneridade ganham espaço nas pesquisas sobre a sexualidade humana. Nesse momento, pesquisadores passam a classificar as pessoas que não se encaixam no binarismo masculino-feminino de transexuais, termo cunhado por John Money, em 1973, que significa “disforia de gênero”. (BENTO, 2006, p. 42-43). É a partir dos estudos contemporâneos que o termo transgeneridade começa a ser utilizado, por abranger outras facetas presentes na construção da identidade trans, como aspectos culturais e sociais. Jaqueline de Jesus (2012, p. 12) esclarece que “denominamos as pessoas não-cisgênero, as que não são identificadas com o gênero que lhes foi determinado, como transgênero, ou trans”.

Gênero se refere a formas de se identificar e ser identificada como homem ou como mulher. Orientação sexual se refere à atração afetivossexual por alguém de algum/ns gênero/s. Uma dimensão não depende da outra, não há uma norma de orientação sexual em função do gênero das pessoas, assim, nem todo homem e mulher é “naturalmente” heterossexual. O mesmo se pode dizer da identidade de gênero: não corresponde à realidade pensar que toda pessoa é naturalmente cisgênero. (JESUS, 2012, p. 12).

Para uma melhor compreensão dessas especificidades que constituem a sexualidade humana, foi criada uma tabela que diferencia sexo, gênero e orientação sexual.⁸

Figura 1: Sexo x Gênero x Orientação Sexual

Sexo BIOLÓGICO (genital, fisiológico)	Gênero JURÍDICO (social, cultural)	Orientação Sexual AFETIVOSSEXUAL (erótico, emocional)
Macho (pênis) Fêmea (vagina) Intersexual / Nulo	<div style="text-align: center;"> <p>Masculino (homem)</p> <p>Feminino (mulher)</p>  <p>Cisgênero (gênero conforme) Transgênero (gênero divergente)</p> <p>Não-binário</p> </div>	Heterossexual (atração afetivossexual pelo sexo e gênero oposto) Homossexual (atração afetivossexual pelo mesmo sexo e gênero) Bissexual (atração afetivossexual por ambos os sexos e gêneros) Pansexual (atração afetivossexual por todos os “tipos” de pessoas, independente de sexo e gênero) Assexual (não sente desejo sexual)
Intersexuais: pessoas que possuem combinação imprecisa de pênis e vagina (antigo hermafrodita)		
Nulos: pessoas que não possuem traços genitais precisos		
Não-binárias: pessoas que não se sentem confortáveis em uma divisão entre gênero masculino e feminino		

Fonte: Adaptado de Lanz (2014).

A esse respeito, é interessante perceber como a medicina identifica uma pessoa como macho ou fêmea:

Para a ciência biológica, o que determina o sexo de uma pessoa é o tamanho das suas células reprodutivas (pequenas: espermatozoides, logo, macho; grandes: óvulos, logo, fêmea), e só. Biologicamente, isso não define o comportamento masculino ou feminino das pessoas: o que faz isso é a cultura, a qual define

⁸ Na elaboração do questionário não foram incluídas pessoas intersexuais, nulas ou não-binárias.

alguém como masculino ou feminino, e isso muda de acordo com a cultura de que falamos. (JESUS, 2012, p. 8).

Ou seja, a biologia explica que existem apenas dois sexos, o macho (pessoa que possui pênis) e a fêmea (pessoa que possui vagina). Pode-se ressaltar que também existem pessoas intersexuais (pessoas que possuem combinação imprecisa de pênis e vagina) e “nulas” (pessoas que não possuem traços genitais precisos) (LANZ, 2014, p. 39). Dessa forma, compreende-se que ser macho ou fêmea deriva somente do sexo biológico e é a cultura, em um determinado tempo na história, que dita como um macho ou uma fêmea devem agir na sociedade, criando, desta forma, os gêneros masculino (homem) e feminino (mulher). Porém, muitas pessoas ainda confundem sexo, gênero e orientação sexual, mas a autora explica que um não interfere diretamente sobre o outro.

A Série Sense8

A série americana Sense8, objeto deste estudo, optou por incorporar uma personagem transgênero em seu elenco. Criada e produzida por Andy e Lana Wachowski (esta última, mulher transgênero) e J. Michael Straczynski, a série foi lançada em junho de 2015 pelo serviço de *streaming* Netflix.⁹ Sense8 conta a história de 8 pessoas de diferentes países que não se conhecem, mas que descobrem estarem conectadas emocionalmente e mentalmente, sendo capazes de aprender a linguagem e habilidades um do outro e de se comunicar por meio de visões em seu dia a dia. A série possui apenas uma temporada, mas a Netflix já anunciou que ela terá continuidade em 2016.

A atriz estadunidense Jamie Clayton interpreta em Sense8 a transgênero lésbica Nomi Marks, uma *hacker* e ativista que luta em prol dos direitos LGBT na cidade de São Francisco (Estados Unidos da América). Miguel Ángel Silvestre é um ator espanhol que exerce o papel do gay Lito Rodriguez, também ator na série, que vive um romance escondido com Hernando (Alfonso Herrera), na Cidade do México (México). Além destes dois personagens que serão analisados neste artigo, Sense8 conta com mais seis intérpretes principais: Aml Ameen como o motorista de van Capheus "Van Damme" (Nairóbi – Quênia); Doona Bae como a lutadora e economista Sun Bak (Seul – Coreia do Sul); Tina Desai como a cientista farmacêutica Kala Dandekar (Mumbai – Índia); Tuppence Middleton como a DJ Riley Blue (Londres – Inglaterra); Max Riemelt como o arrombador

⁹ A Netflix é uma empresa americana que fornece o serviço de TV por internet a mais de 50 milhões de assinantes, em 40 países. A plataforma fornece, a quem é cadastrado, filmes, séries de TV e produções originais.

de cofres e chaveiro Wolfgang Bogdanow (Berlim – Alemanha) e Brian J. Smith como o policial Will Gorski (Chicago – Estados Unidos da América). (SENSE8 BRASIL, 2015).

Figura 2: Personagens principais da série Sense8



Fonte: Os Autores

Como citado, dois personagens da série são homossexuais. Porém, Lito Rodriguez mantém sua sexualidade longe do público e dos holofotes. A única pessoa que tem conhecimento do fato é uma amiga que finge ser sua parceira quando o ator é fotografado e entrevistado por jornalistas e apresentadores de televisão. Essa vida dupla faz com que surjam diversos imprevistos na trama. Já no caso de Nomi Marks, sua sexualidade é assumida. O fato da personagem ser uma pessoa trans, lésbica e da narrativa expor o relacionamento dela com sua namorada, garante uma transparência na forma como a personagem lida com a situação. Porém, sua mãe não aceita sua identidade de gênero e a chama pelo seu nome masculino concedido em seu nascimento: Michael. Além disso, priva a liberdade de Nomi ao interná-la em uma clínica alegando que ela precisa realizar uma cirurgia em seu cérebro. Nesse contexto, deixa-se subentendido que o “problema” da transgeneridade da *hacker* é algo patológico, que precisa ser identificado e “consertado”.

Análise dos dados da pesquisa

Para se compreender como as questões relacionadas à identidade de gênero e orientação sexual são representadas na série Sense8 foram analisados os trailers que a Netflix disponibilizou em seu canal oficial no YouTube – “Concept Trailer”, “Character Trailer: Nomi”, “Character Trailer: Lito” – bem como os doze episódios que compõem a primeira temporada da série, em especial as cenas em que Nomi e Lito aparecem. O levantamento foi realizado por meio de uma decupagem dos enquadramentos utilizados, características, falas e tempo de exposição destes personagens.

No trailer em que todos os personagens da série são apresentados – “Concept Trailer” (1min01seg) – é interessante perceber que Lito e Nomi estão conectados, como se o fato de ambos serem homossexuais fosse um aspecto relevante da trama, porém essa perspectiva não é evidenciada nos outros materiais analisados. No vídeo de apresentação de Nomi – “Character Trailer: Nomi” (56seg) – percebe-se que as questões relacionadas à sua identidade de gênero são mais relevantes que sua orientação sexual. O fato de sua mãe não aceitar sua transgeneridade e submetê-la a uma cirurgia que “normalizaria” seu cérebro é predominante na escolha de cenas para o trailer. Já no vídeo em que Lito é apresentado – “Character Trailer: Lito” (59seg) – o conflito em destaque tem relação com sua orientação sexual. Cenas do personagem pensativo, aflito, bem como do momento em que sua falsa parceira descobre que ele é homossexual são destacadas. Percebe-se, dessa maneira, que os trailers são condizentes com a narrativa da série.

Acerca do tempo de exposição de Lito e Nomi nos doze episódios, foi identificado que, no total, a primeira temporada de Sense8 possui quase onze horas de duração. Cada episódio varia entre cinquenta minutos à uma hora. Calculando uma média de tempo de exposição de cada personagem, percebeu-se que Nomi ocupou cerca de 5 minutos e 30 segundos em cada episódio e Lito, 7 minutos e 30 segundos.

Em um primeiro momento, pela análise apenas numérica e comparativa dos dois personagens, subentende-se que o conflito que Lito vivencia com sua sexualidade é predominante e mais importante que aspectos da identidade de Nomi. Porém, é importante ressaltar que há episódios em que aspectos da transgeneridade de Nomi ganham mais destaque. Desse modo, a diferença de tempo de exposição entre os personagens não é muito significativa.

No que diz respeito às falas destes dois personagens durante a primeira temporada da série, foi elaborada uma relação de palavras para exemplificar os conceitos mais presentes em suas conversas, deixando evidente a preocupação dos criadores da série – vale

lembrar que uma das autoras é mulher trans – em retratar os sentimentos vivenciados por Nomi e Lito em seus conflitos pessoais e sociais. As palavras em destaque como medo, violência e orgulho foram ditas diversas vezes por ambos os personagens e retratam, de certa forma, a história de vida dos personagens e reforçam a dramaticidade que os autores de Sense8 se esforçaram para transmitir aos consumidores do produto.

Ainda, sobre características empregadas na linguagem audiovisual da série, notou-se, na decupagem dos episódios, que as expressões faciais e corporais dos personagens analisados foram fundamentais para a criação de uma identidade interessante para Sense8. O uso de enquadramentos fechados (planos próximos, super closes) e de técnicas como o *zoom-in* para enfatizar reações faciais é frequente, de forma a criar uma maior identificação com as emoções e dramas vividos pelos atores.

O comportamento e personalidade dos personagens analisados também merecem atenção para compreendermos como questões de gênero e sexualidade são abordadas na série. Lito é um astro mexicano cobiçado pelas mulheres e, por ser ator, sabe fazer com que as pessoas acreditem em suas atuações. A mídia e colegas de trabalho não imaginam que ele esconde sua homossexualidade e que possui um namorado, pelo fato dele mascarar a realidade, fingindo, de tempos em tempos, estar em um relacionamento com uma mulher. Lito tem medo que a revelação de seu segredo prejudique seu trabalho como ator, sempre representado em seus filmes como um galã e conquistador viril. Contudo, sua apreensão e falta de coragem acabam afetando seu relacionamento, o que deixa o personagem em constante melancolia e tristeza.

Essa narrativa, que explora o conflito interno vivenciado por Lito, também apresenta particularidades que não são comuns em representações de homossexuais em produtos audiovisuais. Além de representar um personagem que esconde sua verdadeira orientação sexual, Sense8 também buscou, neste caso, não associar a homossexualidade de Lito à feminilidade, se observadas suas características físicas e comportamentais, que seguem um modelo heteronormativo.

Já Nomi lida muito bem com o fato de ser lésbica e trans. Corajosa, determinada e confiante, sua orientação sexual e identidade de gênero são retratadas de forma natural, não sendo o foco do conflito que convive. O fato de ser uma blogueira, *hacker* e ativista dos direitos LGBTs confere à personagem uma realidade distinta das representações estereotipadas e estigmatizadas que geralmente são feitas de pessoas trans em produtos de mídia audiovisuais.

O preconceito de sua mãe, amigas de sua namorada e médicos com relação à sua identidade de gênero, por acreditarem que sua condição é patológica, é a base da narrativa que foi construída para a personagem em Sense8. O fato da atriz Jamie Claytoni ser uma mulher trans corrobora para uma representação não estereotipada de uma personagem trans e, por consequência, mais verossímil.

Para finalizar a análise e verificar se as hipóteses levantadas no início deste artigo são procedentes, foi aplicado um questionário sobre a percepção do público – geral, homem/cisgênero/homossexual, trans - acerca da representação da homossexualidade e transgeneridade na série. O entendimento geral do público respondente em relação a esses temas também foi enfatizado.

A pesquisa foi respondida por 153 pessoas, sendo que 95% dos participantes declararam-se cis e 5% trans. A pouca participação de transgêneros na pesquisa tornou evidente que o acesso dessas pessoas a plataformas como o Netflix, e produtos de mídia como seriados, ainda é bastante restrito.¹⁰ Isso se dá, como já abordado anteriormente, pela invisibilidade na sociedade. A pouca participação na economia e política, devido à estigmatização que vivenciam, excluem-nas, também, da aproximação com produtos culturais e de entretenimento.

Em relação à orientação sexual, 40% das pessoas respondentes declararam serem heterossexuais, 20% homossexuais, 25% bissexuais, 10% pansexuais e 5% assexuais.

Questionados sobre quais os personagens preferidos em Sense8, os participantes da pesquisa, que podiam votar em mais de um *sensate*, elegeram Sun, que obteve 50% dos votos, como a favorita. Nomi ficou em segundo lugar com 45%, seguida por Riley, 34%, Wolfgang, 25%, e Lito, com 23%.

Das 95% pessoas que responderam a pesquisa e declararam se identificar com o gênero a elas atribuído, 13% afirmaram serem homens homossexuais. Destes, 30% consideraram o personagem Lito realista, 30% comum, 23% estereotipado, 15% bem elaborado e 2% assinalaram a opção “outros”. Há, aqui, uma divergência de opiniões sobre as características e personagem de Lito. Acerca dos aspectos predominantes de seu comportamento, opiniões como “dramático”, “apaixonado”, “mega estereotipado”, “caráter conflitante de sua sexualidade e a necessidade em se enquadrar ao padrão heteronormativo

¹⁰ O estigma e a marginalização das pessoas trans se reflete na sua condição social e também na sua baixa expectativa de vida. Segundo dados de 2014, o Brasil é o país onde mais ocorrem assassinatos de pessoas trans em todo o mundo. Informação disponível em <http://exame.abril.com.br/mundo/noticias/brasil-lidera-numero-de-mortes-de-travestis-e-transexuais>

social”, “sexualidade repreendida”, “indecisão” e “não vejo um aspecto marcante” ilustram as diferentes percepções desse público consumidor da série sobre o conflito vivenciado pelo personagem no que diz respeito à sua orientação sexual.

Em relação à Nomi, as concepções do público transgênero, que representou 5% dos respondentes do questionário, sobre sua personalidade e transgeneridade são mais semelhantes. 90% consideraram a personagem bem elaborada, 5% comum, 5% realista, 0% estereotipada e 0% “outros”. Entende-se, dessa maneira, que a aceitação e identificação com a personagem é bastante positiva por parte do público trans. “Achei excelente a escolha de uma atriz transgênero para o papel, nada como alguém que sente na pele as dúvidas, problemas e preconceitos de uma trans para representar de forma digna uma identidade de gênero tão denegrada”, “a coragem de ser quem deseja ser”, “tudo dela é marcante, desde sua coragem em lidar com a mãe, que não a aceita como ela é, até sua incrível habilidade com a tecnologia”, “a parceria com a namorada é bem bacana de ver”, “Nomi retrata bem a questão de identidade de gênero x orientação sexual, não excluindo uma pessoa trans de ser homossexual”, “diferente de Lito, ela nunca viveu à sombra de sua sexualidade” e “a naturalidade como são colocadas as questões da transgeneridade e da homossexualidade é muito interessante e importante” são alguns dos comentários feitos por tais pessoas em relação ao aspecto que acharam mais marcante na personagem e representação de sua transgeneridade e homossexualidade.

A percepção geral do público respondente do questionário sobre a representação da homoafetividade e transgeneridade na série também deve ser levada em consideração na análise. 75% dos participantes da pesquisa relatou que as questões relativas à homossexualidade foram bem representadas em Sense8 pelo personagem Lito. Comentários como “o drama do famoso/gay foi bem elaborado” e “ele é egoísta e medroso! Ou seja, uma pessoa normal, não um santo! Gostei dele ser retratado como uma pessoa real, não um estereótipo gay”, ilustram a maioria das opiniões. Mas também foram registradas críticas como “o Lito é estereotipado” e “existem estereótipos ali com relação à profissão de ator que me incomodam um tanto”.

Em relação à transgeneridade, 65% alegou que o tema foi bem representado na narrativa. Opiniões como “Nomi é, para mim, uma surpresa interessante, pois ficou muito longe dos estereótipos normalmente aplicados às personagens trans, principalmente por fazer com que a transição não fosse o principal elemento de sua história” e “fiquei bem feliz pela representatividade não apenas de gênero e sexualidade, mas também de alguém

engajada nos movimentos sociais”, reforçam isso. Mas comentários como “só não dá pra dizer que ela seja extremamente realista, pois é uma pessoa que apesar de enfrentar o preconceito da família, ainda assim conseguiu manter boas condições de vida, o que é mais do que se pode dizer da maioria das trans, infelizmente” refletem a diferença do estilo de vida da personagem com a realidade vivida por pessoas trans, seja no Brasil, nos Estados Unidos da América ou em outros países do mundo.

Considerações Finais

O presente estudo teve como ponto de partida entender como as questões de identidade de gênero e orientação sexual estão sendo representadas nos produtos midiáticos, em especial na série americana *Sense8*. Pode-se concluir que a primeira hipótese levantada, que entendia que os personagens analisados eram estereotipados e estigmatizados, não foi confirmada. A divergência de opiniões tanto do público em geral, quanto dos homens gays, da representação da homoafetividade do personagem Lito, e da pesquisa feita a partir da decupagem dos doze episódios da série comprovam que ainda há o emprego de estereótipos para representar a homossexualidade. Mas o significativo número de pessoas que perceberam em Lito o desenvolvimento de um personagem gay mais realista e elaborado é prova de que os produtos de mídia audiovisuais estão mais atentos a essas especificidades.

O mesmo se pode dizer em relação à representação da transgeneridade. A grande maioria do público em geral e das pessoas trans que responderam à pesquisa entenderam que Nomi é bem elaborada e que representa bem as questões relativas à identidade de gênero. Dessa maneira, acredita-se que *Sense8* buscou romper com os estereótipos relativos a gênero e sexualidade empregados em inúmeros produtos de mídia audiovisuais, ressaltando-se a importância da representatividade de pessoas trans enquanto protagonistas de seus próprios personagens.

Nesse sentido, a segunda hipótese levantada foi confirmada. Ou seja, o crescente aumento da visibilidade das questões da homossexualidade e da transgeneridade tem permitido a criação de personagens mais condizentes com a realidade. O fato da homoafetividade de Lito não ser associada à feminilidade e da atriz que interpreta Nomi ser uma mulher transgênero na vida real é um indicativo de que produtos de mídia audiovisuais podem auxiliar na desconstrução de estereótipos e do preconceito da sociedade em relação a essas questões.

Por fim, compreende-se que não apenas seriados, mas filmes, novelas, campanhas publicitárias e os mais diversos produtos de mídia audiovisuais precisam, cada vez mais,

buscar inserir em suas produções modelos identitários mais realistas e que incluam as mais diversas formas existentes de relacionamentos com o próprio corpo e com outras pessoas.

Referências

BARROS, Antonio; DUARTE, Jorge. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. SP: Atlas, 2009.

BENTO, Berenice, **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. RJ: Garamond, 2006.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. RJ: BestBolso, 2014.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. RJ: Edições Graal, 1988.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. RJ: Zahar Editores, 1980.

LANZ, Letícia. **O corpo da roupa: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero**. 2014. Dissertação. (Programa de Pós-Graduação em Sociologia). Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2014. Disponível em: <<http://goo.gl/X9Uzkg>>. Acesso em: 18 Set 2015.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. RJ: DP&A Editora, 1998.

JESUS, Jaqueline Gomes de. Orientações sobre Identidade de Gênero: Conceitos e Termos. **Sertão** Dezembro, 2012. Disponível em: <<https://goo.gl/LprjL3>>. Acesso em: 17 Ago 2015.

KELLNER, Douglas. **A Cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. SP: EDUSC, 2001.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. MG: Autêntica, 2012.

THEODORO, Hadriel Geovani da Silva. A (des) construção midiática das identidades de gênero na performance de Conchita Wurst no Eurovision 2014. **COMUNICON**. ESPM, São Paulo, 2014. Disponível em: <<http://goo.gl/92baSL>>. Acesso em: 15 Ago 2015.

VILLAÇA, Nizia. Sujeito/abjeto. **Logos25: Corpo e contemporaneidade**. Ano 13, 2º semestre 2006. Disponível em: <<http://goo.gl/gSv5Ck>>. Acesso em: 26 Set 2015.

NETFLIX. Sense8 - Character Trailer: Lito. **YouTube**. Vídeo (1min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yB7ETpSEdCg>>. Acesso em 29 Set 2015.

_____. Sense8 - Character Trailer: Nomi. **YouTube**. Vídeo (56s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IfuD34GO9pc>>. Acesso em 29 Set 2015.

_____. Sense8 - Concept Trailer. **YouTube**. Vídeo (1min01s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=riLgCIvE9aU>>. Acesso em 29 Set 2015.

SENSE8 BRASIL. **Personagens**. 2015. Disponível em: <http://goo.gl/VvBDRp>. Acesso em: 15/11/2015.